



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM PERFORMANCES
CULTURAIS

PAULO BENTES BEZERRA

**CARTOGRAFIAS DO DESEJO E
TRANSGRESSÃO DA IDENTIDADE EM
Giovanni`s Room, de James Baldwin**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais, da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para a seleção de ingresso ao Curso de Mestrado-seleção 2014.

Linha de Pesquisa: Espaços, Materialidades e Teatralidades.
Orientador: Dr. Paulo Petronílio Correia.

Goiânia-Go
2015

Eu estava tremendo. Eu pensei, se eu não abrir essa porta de uma vez e sair daqui, estou perdido. Mas eu sabia que era muito tarde; logo era muito tarde para fazer algo além de gemer. Ele me puxou contra ele, colocando-se em meus braços como se estivesse se entregando a mim para que eu o carregasse, e me puxou com ele para a cama, bem devagar. Cada parte de mim gritava NÃO! Mas a soma de mim suspirava SIM! (BALDWIN, 2001, p. 64- Tradução nossa).¹

¹ I was trembling. I thought, if I do not open the door at once and get out of here, I am lost. But I knew it was too late; soon it was too late to do anything but moan. He pulled me against him, putting himself into my arms as though he were giving me himself to carry, and slowly pulled me down with him to that bed. With every part in me screaming NO! yet the sum of me sighed YES!

SUMÁRIO

Resumo.....	4
Introdução.....	5
1. Fundamentação Teórica.....	10
1.O Livro Giovanni`s Room	
1.1 “Identities” Pós-Modernas.....	14
1.2 O Desejo em Giovanni`s Room.....	19
2. Justificativa.....	22
3. Objetivos.....	23
4. Metodologia.....	24
5. Cronograma.....	25
6. Referencial Bibliográfico	26

Introdução

Esta pesquisa investigará o desejo e a transgressão da identidade sexual como ponto de partida para a verificação dos conflitos sexuais que permeiam a relação do casal de amantes no romance *Giovanni`s Room*, de James Baldwin. Essa relação antagônica entre o comportamento hétero-normativo e o comportamento homossexual aponta, na interpretação do romance, uma perspectiva crítica de caráter ideológico, social e identitário, que irá traçar a problemática da marginalização da homossexualidade calcada na transgressão, no desejo proibido e na subversão. Marginalização que, ao longo da narrativa, trará efeitos danosos no plano das relações interpessoais e no campo das performances homoafetivas vividas pelo casal.

Além de *Giovanni`s Room*, a pesquisa também transitará entre outros romances de Baldwin, como *Another Country* e *Marcas da Vida*, cartografando nos mesmos o desejo e a transgressão das identidades. Utilizarei as teorias e considerações de Michel Foucault (1984, 1988, 1992, 2006,2010), Judith Butler (2010, 2012,2013), e Stuart Hall (2011) acerca da questão da identidade na pós-modernidade, assim como a concepção

de desejo, de Gilles Deleuze (1995,2003, 2004, 2010) e George Bataille(1993), para desenvolver com eficiência acadêmica este trabalho.

Apesar de ser graduado em Letras pela Universidade Federal de Goiás, não foi a academia que me introduziu a James Baldwin e ao seu romance *Giovanni`s Room*. Na verdade, descobri *Giovanni`s Room* em um banca de revistas, no ano de 1996. Eu era leitor assíduo da revista *Suigêneris*, cujo conteúdo era em sua totalidade GLS². A *Suigêneris* tratava em suas matérias da arte gay em geral, tanto nacional quanto internacional: moda, cinema, literatura, teatro, televisão, toda essa multiplicidade de segmentos artísticos estava ali, nas páginas da revista, uma vez por mês.

Naquele sábado à tarde, após dar minhas aulas de inglês em um curso no centro da cidade, peguei o carro e fui à uma banca de revistas, na expectativa de a nova edição da revista já estar à venda. Ao entrar na banca, a *Suigêneris* estava lá, com um atrativo especial: a capa. Aquela era sem dúvida a capa mais bela e mais excitante de todas as edições que eu já tinha visto. Em uma pose extremamente homoerótica e viril, o ator Carmo Dalla Vecchia, sem camisa e com os músculos à mostra, abraçava, por trás, o ator Edson Fieschi, que também tinha o torso nu, revelando um peitoral deslumbrante. Abaixo dos dois, a manchete anunciava: Giovanni, O musical.

Fascinado por aquela capa, comprei a revista imediatamente. Já em casa, li a matéria sobre a peça, que era a adaptação de um romance gay americano, ambientado na França. Ao lado, havia também uma parte dedicado ao autor do romance, com uma foto de seu rosto: era James Baldwin. Li a matéria sobre ele e fiquei tocado pela história de vida daquele escritor afroamericano, que em 1956 teve a coragem e ousadia de escrever um romance completamente gay, que narra a história de amor entre um americano e um italiano, na França. Contudo, foi somente no ano de 2001, após concluir meu curso de Letras e passar três anos morando nos Estados Unidos, que “reencontrei” James Baldwin e *Giovanni`s Room*. Estava em São Paulo e fui à livraria Cultura da Avenida Paulista, quando me deparei com *Giovanni`s Room*, no original em inglês. Imediatamente lembrei da revista e comprei o livro.

A partir de então, *Giovanni`s Room* entrou em mim e criou raízes, como um amor profundo, eterno, que não quer e não vai jamais sair. Assim, com toda a minha paixão pela literatura, eu entrei naquele quarto, no espaço político e poético de James Baldwin. Por que *Giovanni`s Room*? Porque a história de amor entre David e Giovanni,

² GLS é uma sigla que se refere à Gays Lésbicas e Simpatizantes.

com toda a sua intensidade, coragem, subversão e transgressão é também a minha história. Sim, porque sou homossexual e tenho David e Giovanni dentro de mim. Assim como eles, carrego comigo todos os dias o sofrimento, a exclusão, a luta e a dor. Sou David quando tenho medo e culpa, afinal quem não tem? Sou também Giovanni, acredito que bem mais Giovanni, com toda a sua vivacidade, sua coragem, seu enfrentamento, seu desejo vibrante, sem amarras e, sobretudo, com o seu “sim” à vida. Enfim, sempre que leio o livro, e já o fiz incontáveis vezes, eu me sinto e me vejo em Giovanni.

Giovanni's Room é a história dos amores silenciados e abafados nas ruas, mas regados a suor e gritos de êxtase entre as quatro paredes de um quarto. O quarto de Giovanni abre em suas páginas o espaço para o nômade, o errante, o cambiante, que vivencia seu desejo maldito nos guetos e nos becos. *Giovanni's Room* é a manifestação da arte literária, em sua expressão mais libertária, marginal, subversiva e transgressora.

Por que James Baldwin? Porque ao publicar *Giovanni's Room*, em plenos anos 50, Baldwin deu voz ao homoerotismo, à multiplicidade, ao amor entre os iguais, à transgressão das identidades. James Baldwin criou, em *Giovanni's Room* o quarto-fronteira, o entre-lugar³, o espaço da margem, da diferença. Além disso, “singular” é a palavra que me é mais apropriada para descrever a linguagem de Baldwin, particularmente neste romance.

O escritor consegue, como poucos ou quase ninguém, combinar sutileza com erotismo. A linguagem de Baldwin em *Giovanni's Room* é refinada, mas não formal, ficando assim, em um entre-lugar. A literatura de Baldwin é a do estranhamento, aquela que perturba o leitor, quando embaralha os códigos, usando expressões no original em Francês, farta e livremente, sem traduzí-las, ou na narrativa sem ordem cronológica, que se desenrola dentro da mente da personagem, em um fluxo desordenado.

Com seu caráter político e coletivo, na abordagem corajosa das relações homoafetivas e da comunidade gay, das minorias, brancas e negras, assim como a desterritorialização da língua, ao “cutucar”, instigar e perturbar o leitor, exigindo sua atenção, vejo em Baldwin uma literatura menor, segundo a concepção de Deleuze: “Uma literatura menor não pertence à uma língua menor, mas, antes à língua que uma minoria constrói numa língua maior”.(DELEUZE, 2002, p. 38). Ou seja, Baldwin é um

³ Ora, a noção aqui de “entre lugar” é tomada por empréstimo em Homi Bhabha, em seu *Local da cultura*. Iremos nos ater mais detalhadamente dessa noção mais adiante.

escritor que faz da sua língua uma língua maior, transformando-se em um gago de sua própria língua.

Além disso, Baldwin tem a capacidade impressionante de “entrar” na alma de suas personagens, que nos aproxima e nos faz identificar com elas. As personagens de Baldwin são complexas, contraditórias, vivem crises de identidade, amores conflituosos, transgressores. Nelas, não há certezas e nem respostas, mas a experimentação, a marginalidade, a subversão, a desconstrução. Por isso, elas me pareçam tão humanas, tão pós-modernas. Por fim, escolho James Baldwin porque ele deu voz ao escritor negro, marginalizado por uma elite literária e racista que define a cor da arte maior: o cânone branco.

Por todas essas razões, escolhi James Baldwin e seu romance *Giovanni's Room*, para serem meu “objeto” de pesquisa. Não poderia trabalhar outro escritor porque, se o fizesse, não estaria sendo honesto comigo mesmo. Não haveria verdade em minha pesquisa, em meu trabalho. Seria uma espécie de auto-traição. É aqui, em James Baldwin e em *Giovanni's Room* que eu me reconheço, que eu me vejo, com toda a minha contradição, mas principalmente, com toda a minha paixão.

Nascido no Harlem, em Nova Iorque, James Arthur Baldwin (1924-1987) já era um escritor renomado no ano de 1956, quando publicou *Giovanni's Room*, e já havia alcançado uma forte reputação literária em seu país de origem, os Estados Unidos da América. Ao longo de sua carreira, Baldwin publicou vários outros romances, como *Another Country* (1962), publicado no Brasil como *Numa Terra Estranha*; *Going to Meet the Man* (1969), que aqui ganhou o título *Um homem à minha espera*; *Tell me How Long the Train's Been Gone* (1969), aqui *O preço da glória* e *Just Above My Head* (1979), publicado aqui como *Marcas da vida*. Baldwin também publicou artigos e ensaios para jornais conceituados, como *The Fire Next Time*, uma coletânea de ensaios, lançada no Brasil como *Da próxima vez o fogo*. *Giovanni's Room* foi publicado no Brasil pela primeira vez em 1972, como *Giovanni*.

Apesar de ser conhecido pela crítica especializada norte-americana como um “autor negro”, devido a sua origem, ao seu ativismo político e ao fato de seu primeiro romance, *Go Tell It on the Mountain* (1953) ser exclusivamente constituído por personagens negros, James Baldwin lançou, em 1956, o romance *Giovanni's Room*, que tinha em sua totalidade personagens brancos. Apesar de militante dos direitos dos negros nos Estados Unidos, Baldwin não abordou a negritude no romance, o que gerou polêmica e críticas no meio intelectual, na época. O crítico Caryl Phillips, que escreveu

a introduction (introdução) da edição de 2001, da Penguin Classics, de *Giovanni`s Room*, cita o comentário do escritor a respeito:

Eles disseram que eu era um escritor negro, que tinha um público especial...E que estaria acabado se me afastasse desse público. E que, na verdade, ninguém aceitaria aquele livro vindo de mim..Meu agente me disse para queimá-lo”. (BALDWIN apud PHILLIPS, 2001, pg. XI-Tradução livre).⁴

O manuscrito de *Giovanni`s Room* chegou a ser recusado pela editora de Baldwin, a Knopf, que exigiu que ele mudasse o título do livro e transformasse o enredo, fazendo com que este fosse sobre uma mulher. Baldwin recusou-se e acabou publicando o romance através de uma editora pequena e desconhecida.

Frente à toda essa polêmica acerca de seu segundo romance, Baldwin teceu um comentário franco e honesto, que revela sua rebeldia com estereótipos e rótulos, fazendo-nos perceber que o escritor, assim como muitos de seus personagens, tinha uma personalidade nômade, que recusava identidades fixas e pré-determinadas. Essa declaração de Baldwin, em 1956, surpreende por seu teor pós-moderno, ao abordar a noção de desconstrução das identidades sexuais:

Pessoas inventam categorias para que possam se sentir seguras. Pessoas brancas inventaram pessoas negras para dar a elas mesmas uma identidade. Héteros inventam bichas para que eles possam dormir com elas sem que sejam considerados bichas”. (PHILLIPS apud BALDWIN, 2001, p. XI-Tradução livre).⁵

No Brasil, *Giovanni`s Room* foi objeto de pesquisa, entre outros romances da literatura dita GLS, de uma tese de doutorado em História, na Universidade Federal de Pernambuco. A tese, de autoria de Elisa Marianna De Medeiros Nóbrega, é intitulada *Histórias de confissões e leituras: A emergência histórica das Edições GLS*, e data de 2007. Alex Ratts (2011), professor da Universidade Federal de Goiás, publicou, em 2011 o artigo *Negritude, masculinidade, homoerotismo e espacialidade em James*

⁴ They said I was a negro writer and I would reach a very special audience...And I would be dead if I alienated that audience. That, in effect, nobody would accept that book coming from me...My agent told me to burn it”.

⁵People invent categories in order to feel safe. White people invented black people to give white people identity...Straight cats invent faggots so they can sleep with them without becoming faggots themselves.

Baldwin: Uma leitura brasileira. Na Colômbia, o brasileiro Lauro Amorim publicou o artigo *Quando gestos não políticos são políticos: A tradução brasileira de Giovanni's Room, de James Baldwin e a questão da homossexualidade*, na revista *Mutatis Mutandis*, da Universidad de Antiquia. Dito de outro modo, não há, no cenário da crítica literária um olhar que tenha dado o lugar merecido a este autor, ou seja, este trabalho é, a meu ver, pioneiro.

Giovanni's Room foi também adaptado para o teatro três vezes: A primeira em 1987, com Caíque Ferreira e Hugo Della Santa, a segunda em 1996, com o ator Carmo Dalla Vecchia e Edson Fiesch4 e a mais recente em 2010, com Roberto Cordovani e Xan Guimarães.

1-Fundamentação Teórica

1. O Livro *Giovanni's Room*

O que faz, enfim um livro? E o que não faz? Não faz cientificidade, nem representação. Dicotomia? Também, não. Agenciamento, esse sim, em toda a sua multiplicidade e fluxo, fluxo cultural, social, amoroso. Também de pensamento, sonhos e devaneios. Mas, sobretudo, fluxo de desejo e de sexualidade, assim como de embate, de guerra e de vibração. Essas teorias de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) referentes ao livro, presentes em *Mil Platôs*, serão de crucial importância para o desenvolvimento desta pesquisa e serão aqui utilizadas como suporte. Deleuze e Guattari consideram as literaturas americana e inglesa como rizomáticas, por reverter a ontologia, por desconstruir início e fim, por explorar o meio:

Mas ainda, é a literatura americana, e já inglesa, que manifestaram este sentido rizomático, souberam mover-se entre as coisas, instaurar uma lógica do E, reverter a ontologia, destituir o fundamento, anular fim e começo. Elas souberam fazer uma pragmática. É que o meio não é uma média, ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. *Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal

que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (DELEUZE&GUATTARI, 1995, p. 37).

Em *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari dão destaque ao livro, não aquele onde impera óbvio, o medíocre, o conhecido, o usual. Para Deleuze e Guattari, assim como para James Baldwin, em *Giovanni's Room*, o interessante não é o certo, o reto, o uno, mas o incerto, o desvio, a multiplicidade. Multiplicidade de comportamentos, de tempos, de performances desejanças de identidades, de devires.

O livro, então, há de ser instigante e intenso, abrupto e aberto, móvel e escorregadio e, correndo, velozmente, por fora.

Um livro existe apenas pelo fora e no fora. Assim sendo, o próprio livro uma pequena máquina, que relação, por sua vez imensurável, esta máquina literária entretém com uma máquina de guerra, uma máquina de amor, uma máquina revolucionária, etc.” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 120).

Neste trabalho, utilizaremos também a teoria de Michel Foucault (1984) presente em *História da Sexualidade II; O Uso dos Prazeres*, que por sua vez refere-se, particularmente, à relação afetiva e sexual entre dois homens, como uma atitude de transgressão de identidades, de subversão das normas da sociedade heteronormativa, que estabelece como padrão e “natural” apenas as relações heterossexuais. As discussões a serem apresentadas nessa pesquisa estão relacionadas, fundamentalmente, a essa transgressão da identidade, como uma problematização, que vai além da proibição. Isso é justamente o que Foucault discute em *O Uso dos Prazeres*:

Em suma, a interdição é uma coisa, a problematização moral é outra. (...) de que maneira, por que e sob que forma a atividade sexual foi constituída como campo moral? Por que esse cuidado ético tão insistente, apesar de variável em suas formas e em sua intensidade? Por que essa problematização? (FOUCAULT, 1984, p.14).

Assim, na concepção de Michel Foucault(1984), falar sobre a sexualidade do indivíduo moderno implica, inevitavelmente, investigar de que formas, ao longo dos séculos, ele foi sendo construído como sujeito desejança. Para Foucault, há de se fazer, então, um estudo sobre as maneiras pelas quais esses indivíduos foram e são levados a se reconhecerem como sujeitos sexuais e desejanças:

Em resumo, para compreender de que maneira o indivíduo moderno possa fazer a experiência dele mesmo enquanto sujeito de uma sexualidade, seria indispensável distinguir previamente a maneira pela qual, durante séculos, o homem ocidental fora levado a se reconhecer como sujeito de desejo. (FOUCAULT, 1984, p. 11).

Foucault (1984) também reflete sobre o objeto do prazer, em que a relação sexual entre os homens é considerada sob o pressuposto da penetração e de uma polaridade que opõe atividade e passividade, que remete à relação entre superior e inferior, quem domina e é dominado, quem submete-se e quem é submetido, quem vence e quem é vencido. Foucault(1984) discute sobre essa relação entre dois homens:

Num pensamento como o nosso, a relação entre dois indivíduos do mesmo sexo é questionada, antes de mais nada, do ponto de vista do sujeito do desejo. Como pode acontecer que num homem se forme um desejo que tem por objeto um outro homem? (FOUCAULT, 1984, p.198).

Essas questões estão constantemente permeando o imaginário humano e são de absoluta relevância para estudos acadêmicos voltados às performances homoafetivas como transgressão da identidade, por serem "peças" constituintes desse mundo "marginal", subversivo e transgressor, envolto pelo desejo. Entendendo o desejo como peça crucial na questão das performances homoafetivas em *Giovanni`s Room*, trabalharemos também com as teorias e considerações de Judith Butler sobre o desejo e o poder:

A crítica de Foucault à hipótese do recalçamento em *A História da Sexualidade I; A vontade de Saber*,(1984)argumenta que a lei estruturalista pode ser compreendida como uma formação de poder, uma configuração histórica específica, e como produtora ou geradora do desejo que supostamente ela oprime.(BUTLER, 1990, p.114).

Utilizaremos também as teorias de Judith Butler (1990) acerca das performances de gênero como desconstrução da identidade sexual fixa, imutável , pela razão de estas assumirem papel de extrema relevância nesse trabalho:

Que performance inverterá a distinção interno/externo e obrigará a repensar radicalmente as pressuposições psicológicas da identidade de gênero e da sexualidade? Que performance obrigará a reconsiderar o lugar e a estabilidade do masculino e do feminino? E que tipo de performance de gênero representará e revelará o caráter performativo do próprio gênero, de modo a desestabilizar as categorias naturalizadas de identidade e desejo? (BUTLER, 1990, p.198)”.

Essas questões acerca de performance e performatividade, aqui apresentadas por Butler, são também discutidas por Paulo Petronílio (2015), em seu artigo *O signo como performance e performatividade da linguagem*. Costuma-se pensar, à primeira vista, que performance e performatividade têm o mesmo significado, mas há entre elas uma diferença, como afirma Petronílio:

A performance como linguagem dramatiza os signos e a complexidade da cultura e do mundo. Ela tem o poder de revelar as múltiplas ações cênicas e dramáticas do homem na teia de relações que ele convive. A performatividade tem um caráter de atos de fala, como pretendeu Austin. (PETRONÍLIO, 2015, p.1)

A noção de performatividade foi disseminada por Butler nos estudos de gênero e sexualidade e, implica, segundo Petronílio (2015), uma atitude de transgressão, de desafio e subversão das normas e padrões estabelecidos pela sociedade. A performatividade carrega em si uma singularidade, uma reiteração, como afirma Judith Butler:

O entendimento da performatividade não como ato pelo qual o sujeito traz à existência aquilo que ela ou ele nomeia, mas em vez disso, como aquele poder reiterativo do discurso que ele regula e constrange. (BUTLER, 2010, P.155).

Assim como a performance, a performatividade produz e é produzida pela linguagem. É por este viés que Petronílio aborda que as performances “São criaturas da linguagem”. (PETRONÍLIO, 2015, P.1). As concepções de Stuart Hall (2011), sobre a identidade na pós-modernidade também serão aqui utilizadas como arcabouço teórico. Segundo Hall (2011), o indivíduo está se tornando fragmentado, sem identidade fixa, única, e sim com várias identidades, contraditórias, muitas vezes conflituosas, em um processo de identificação variável e problemático. Nessa visão de Hall, na pós-modernidade, não há mais certezas com relação às identidades culturais, e a noção de uma identidade segura e coerente revela-se uma fantasia:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de ta modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do “eu”.(HALL, 2011, p.13).

Levando em consideração que meu objeto de pesquisa é a literatura, mais especificamente a prosa, e de que esta pesquisa será desenvolvida no campo da performance, irei utilizar um conceito de performance de autoria de Paul Zumthor, que está particularmente relacionado à literatura e que envolve percepção e conhecimento:

Todo texto poético é, nesse sentido, performativo, na medida em que o ouvimos, e não em maneira metafórica, aquilo que ele nos diz. Percebemos a materialidade, o peso das palavras, sua estrutura acústica, e as reações que eles provocam em nossos centros nervosos. Essa percepção, ela está lá. Não se acrescenta, ela está. É a partir daí, graças a ela que, esclarecido ou instilado por qualquer reflexo semântico do texto, aproprio-me dele, interpretando-o , ao meu modo;é a partir dela que, este texto, eu o reconstruo, como o meu lugar de um dia.(ZUMTHOR, 2007, p.54).

Um texto literário tem lacunas, que são preenchidas pelo leitor, com sua bagagem de experiência, conhecimento e leituras anteriores, havendo assim, neste processo toda uma relação, de troca, de comunicação entre texto e leitor, que vai envolver também conhecimento, reação, emoção. O leitor reage ao texto, é afetado, abalado por ele. Dessa forma, o texto literário está ali, como que exigindo do leitor uma resposta, um “reagir”, uma participação, que não deixa de ser também sensorial, emocional, transformacional. Assim, o leitor se emociona com o texto, e se deixa transformar por ele. Essa questão da transformação, pensando ainda na performance, relacionada à literatura, é muito forte, principalmente no leitor mais crítico, mais atento e participativo. Há textos que modificam nosso pensar, nossas concepções sobre determinados assuntos, que nos transformam interiormente, que abrem uma janela para novos elementos, novas visões.

Dessa forma, o momento de recepção de um texto realiza-se ali, com a presença física de ambos os participante, o emissor e o receptor, que são, respectivamente texto e leitor. Ali, naquele momento da recepção, o texto passa a ser propriedade do leitor, porque vai se apropriar dele, decodificar seus signos, reconstruí-lo com sua subjetividade.

1.1- Identidades Pós-Modernas.

Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2011), coloca em dúvida a concepção da identidade fixa, única, estável e imutável. Segundo Hall, na sociedade pós-moderna, percebe-se cada vez mais a descentralização das identidades., através de mudanças, transformações. Para Hall, “estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.” (HALL, 2011, p. 9). Segundo essa concepção de Hall, as pessoas não carregam a mesma identidade a vida inteira. Assim, para Hall (2011), ao contrário de serem fixas, os indivíduos se deslocam, são móveis, perdendo o sentido de si. Segundo essa visão de Hall, talvez seja a própria modernidade que está sendo transformada, e que nós também somos indivíduos pós a essa concepção de identidade fixa. Hall então se dedica a distinguir as concepções de sujeito: o sujeito do Iluminismo, que consiste no indivíduo unificado, centrado e masculino; o sujeito sociológico, que tem sua identidade formada através da interação entre indivíduo e sociedade, está se tornando fragmentado, sem identidade fixa, única, e sim com várias identidades, contraditórias, conflituosas, em um processo de identificação variável e problemático.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de ta modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do “eu”.(HALL, 2011, p.13).

Em seguida, Hall (2011) traça os caminhos percorridos pelo indivíduo ao longo do tempo, e suas mudanças, operadas por discursos e práticas no sentido de “moldar” a sociedade. Ou seja, como teria sido esse processo primeiramente de centralização do sujeito, depois de socialização e interação e finalmente de descentralização do mesmo. Mais tarde, segundo Hall(2011), com *O Capital*, de Marx, que deslocou a noção de individualismo do sujeito, descentralizando-o e inserindo-o em um contexto social, com o suporte das Ciências Sociais. Hall afirma que, em seguida, veio a teoria do inconsciente de Freud, que afirma que o processo de desenvolvimento da criança é gradual e formado em sua relação com os outros, o que contribuiu para a questionar a concepção de identidade fixa e centralizada do indivíduo.

A teoria de Freud de que nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formadas com bases em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona de acordo com uma lógica muito diferente daquela da razão, arrasa com o conceito do sujeito cognoscente e racional provido de uma identidade fixa e unificada-o 'penso-logo, logo existo', de Descartes. (HALL, 2011, p.37)

Para Hall, o trabalho de Ferdinand de Saussure, que veio propor a língua como um sistema social e não individual, em que os significados das palavras não são fixos, pois carregam traços de outros significados, que estão sempre em movimento, revelando sua instabilidade.

A seguir, segundo Hall (2011), no processo de descentramento da identidade do sujeito está Michel Foucault, com sua teoria do poder disciplinar, segundo a qual o sujeito é construído, moldado e até disciplinado pelas instituições de poder, como a Igreja, o Estado e a Família. Por fim, o último, mas não menos importante fator que contribuiu para o descentramento do sujeito foi o feminismo, com sua oposição à política de massificação, defendendo, por outro lado, a política de liberação das mulheres de concepções sexistas, relacionadas ao trabalho doméstico, à família e à sexualidade. Na visão de Hall, o feminismo, com seu slogan "o pessoal é político", também questionou o "dentro" e o "fora", o "público" e o "privado", assim como as identidades.

Aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero. o feminismo questionou a visão de que os homens e mulheres eram parte da mesma identidade, a Humanidade, substituindo-a pela questão da diferença sexual.(HALL, 2011, p.46).

Após traçar o caminho de centralização e descentralização do sujeito, Hall (2011), discorre sobre a sua visão de que a identidade nacional é construída culturalmente, através do discurso. Esse processo cultural discursivo de identidade nacional seria construído por cinco elementos: a "narrativa da nação", que consiste na conexão entre nossas vidas cotidianas e o histórico representativo da nação; a ênfase no passado, na tradição, na intemporalidade, onde o "caráter nacional" é permanente e imutável; a "tradição inventada", que corresponde aos valores, práticas e costumes que são incultados através da repetição, e que muitas vezes nem são tão antigos; o "mito fundacional", que remete a mitos de origem de uma nação, englobando inclusive a origem de seus povos excluídos, para que estes se apeguem a uma identidade própria; a

“idéia de povo/folk puro, original”, que não é bem explicada por Hall, mas que provavelmente remete ao povo que colonizou a nação.

Contudo, Hall desconstrói essa idéia de nação como povo e cultura unificados, unificado, alegando que uma nação é constituída por toda uma multiplicidade de culturas, classes sociais, etnias, raças e influências. Hall inclusive estabelece essa idéia com eficiência ao afirmar que “As nações modernas são todas, híbridos culturais.”(HALL, 2011, p. 63).

Após a desconstrução da idéia de nação como identidade unificada, Hall aborda a globalização que, segundo ele, teve seu papel na desintegração das identidades nacionais, ao “encurtar” os espaços entre as nações, entre os lugares, fazendo com que estes sejam penetrados, invadidos, por outras culturas e influências sociais. Com a ajuda da globalização, o mundo pós-moderno vira palco de fluxos e trocas culturais entre as nações, o que favorece identidades ao mesmo tempo partilhadas e desvinculadas.

Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de ‘supermercado cultural. (HALL, 2011, p.75).

Por fim, Hall (2011) afirma que a globalização produz um deslocamento, uma descentralização das identidades, possibilitando inclusive o surgimento de identidades novas, em um processo de pluralização de diversificação e fusão das mesmas, desconstruindo a homogeneização e favorecendo o hibridismo cultural. A partir daí, identidades transitórias passam a se revelar, no seu atravessar de fronteiras, no seu aqui e ali, ou ainda nem aqui nem ali, mas no entre-lugar. O entre-lugar, essa descentralização da identidade pode, contudo, como o próprio Hall questiona , possibilitar uma crise de identidade.

A assim chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2011, p. 7).

É justamente esse entre-lugar, esse deslocamento de sexualidade, que produz uma “crise de identidade” que atormenta David, o personagem narrador de *Giovanni's*

Room, de James Baldwin. Morando temporariamente na França, e comprometido pelo noivado com Hella, jovem americana que conheceu em um bar de Paris, o também americano David apaixona-se pelo italiano Giovanni, garçom de um bar do gueto gay da cidade-luz. O burguês americano já tivera uma experiência homossexual na adolescência, que foi mantida em segredo por toda a sua vida e como que “apagada” de sua memória.

Aquela única experiência, resultado de uma noite em que dormiu lado de Joey, um colega de escola, é lembrada pelo narrador apenas após seu envolvimento com Giovanni, quando este já está, aliás, no corredor da morte, por assassinato. Aquela experiência do passado de David, aliás, foi permeada por medo, culpa e vergonha:

Mas, acima de tudo, eu subitamente, fiquei com medo. Minha consciência dizia: Mas Joey é um homem. De repente eu vi o poder em suas coxas, seus braços, e em seus punhos livremente curvados. O poder, a promessa e o mistério que envolviam aquele corpo subitamente me fez ficar com medo. Aquele corpo de repente me pareceu a entrada negra de uma caverna, dentro da qual eu seria torturado loucamente, e que me faria perder a masculinidade. Um suor frio descia em minhas costas. Eu estava envergonhado” (BALDWIN, 1990, p. 14-Tradução nossa)⁶

O fato é que David, assim como a grande maioria dos americanos brancos e burgueses de sua geração, foi condicionado e “moldado” pela sociedade americana para assumir uma certa “identidade fixa”. Esse condicionamento era reforçado, sobretudo pela presença autoritária e machista do pai de David, que exigia que o filho fosse um “homem de verdade”, sem correr, absolutamente, riscos de “desviar-se” desse caminho. Ao longo do romance, a voz do pai, que no romance parece representar a própria sociedade heteronormativa, persegue David como um fantasma, atormentando-o até mesmo em sua memória.

Tudo que eu quero para David é que ele cresça para ser homem. E quando eu digo homem, Ellen, eu não estou me referindo a um professor de fins de semana, na colônia de férias. (BALDWIN, 1990, p. 20-Tradução nossa).⁷

⁶ But, above all, I was suddenly afraid. It was borne on me: But Joey is a boy. I saw suddenly the power in his thighs, in his arms, and in his loosely curled fists. The power and the promise and the mystery of that body made me suddenly afraid. That body seemed the black opening of a cavern in which I would be tortured till madness came, in which I would lose my manhood”. The sweat on my back grew cold. I was ashamed.

⁷ All that I want for David is that he grow up to be a man. And when I say a man, Ellen, I don’t mean a Sunday school teacher”.

A descoberta do amor por Giovanni traz David de volta ao pesadelo da adolescência, quando ele desviou-se do caminho hétero e fez sexo com o amigo Joey. Mais uma vez, então, David sentiu que sua masculinidade, sua identidade de homem heterossexual estava ameaçada. O americano entrega-se ao sexo e ao desejo homossexual com o italiano, mas vive essa relação de maneira turbulenta, conflituosa, atormentado pelo medo e pela culpa. Personagem “nômade”, o americano não consegue assumir-se como tal efetivamente, e acaba por abandonar o amado Giovanni. Contudo, essa “crise de identidade” não se aplica a Giovanni, o amante italiano de David. Giovanni assume tranquilamente sua personalidade nômade, e transita entre os dois sexos naturalmente e sem culpas.

Eu não estou muito interessado em mulher agora. Não sei porque. Eu costumava estar. Talvez eu estarei novamente. Talvez seja porque mulheres dão problema demais, mais do que eu possa aguentar agora. Et puis. Talvez eu não goste muito de mulheres, na verdade. Mas isso não me impediu de fazer amor com muitas e nem de amar uma ou duas. Mas na maioria das vezes-na maioria das vezes- eu fiz amor apenas como o corpo. (BALDWIN, 1990, p. 77-Tradução nossa).⁸

Giovanni, assim como David, teve uma educação aos moldes da heteronormatividade, e também tem um histórico de relacionamento com mulheres. O lado heterossexual do italiano, no entanto, foi marcado por acontecimentos ainda mais fortes que o de David, pois Giovanni chegou a se casar com uma italiana, com quem teve inclusive um filho, que faleceu com poucos dias de vida. Ao contrário de David, que morava em uma cidade grande, no caso San Francisco, Giovanni morava em uma pequena vila na Itália, fato que poderia ter feito com que ele fosse bastante moralista e homofóbico, afinal o preconceito em lugares assim costuma ser muito grande. Além disso, com grande parte dos italianos, Giovanni era católico fervoroso, o que poderia ser razão ainda maior para que ele se sentisse culpado ou atormentado por sentir desejo e amor por outro homem. Mas, tratando-se de Giovanni, essa questão não parecia mesmo ser um problema. No quarto de Giovanni, enfim, viviam dois homens, com diferentes atitudes e concepções em relação ao entre iguais, que se encontravam em um embate, mas também em um

⁸ I don't seem to be very interested in women right now-I don't know why. I used to be. Perhaps I will be again...Perhaps it is because women are just a little more trouble than I can afford right now. I perhaps don't like women very much, that's true. That hasn't stopped me from making love to many and loving one or two. But most of the time-most of the time-I made love only with the body).

amor irresistível. Ali dentro, naquele quarto, habitavam Apolo, que ansiava por razão e equilíbrio e Dionísio, que se embriagava, livre, em sua louca paixão.

1.2- O desejo em *Giovanni's Room*

James Baldwin, em *Giovanni's Room*, constrói uma narrativa movida pelo pela memória do californiano David, que sai do Novo para o Velho Mundo, a França, em busca de si mesmo, mas que, em território americano ou francês, se reconhece apenas como um “sujeito” em construção. Durante suas andanças pelos guetos gays em Paris, após a partida de sua noiva para a Espanha, David conhece o belo italiano Giovanni. Estrangeiros e estranhos em Paris, o americano David e o italiano Giovanni entregam-se a uma relação conflituosa, subversiva, movimentada e subjetivada pelo desejo, que vem para David como estranhamento e conflito, mas para Giovanni vem como pulsão, embriaguez dionisíaca.

O desejo aqui adquire um caráter político, por vir na forma de um amor entre iguais, na relação transgressora de pele e alma entre dois homens, na intimidade homoafetiva de uma marginalidade máscula, proibida, angustiante, mas também prazerosa, forte, intensa, de sutil eroticidade. David, personagem central e narrador do romance, ainda que tenha ficado noivo de Hella, deseja também o corpo masculino, o que para ele tem uma confusa conotação de proibição e perigo. O desejo nele é vivência e experiência em construção, calcados na instabilidade, no descentramento, e também no medo:

Havia um marinheiro, todo de branco, atravessando a rua, andando com aquele balanço próprio dos marinheiros, e com aquela aura, esperançosa e firme, de quem tem que fazer uma grande transação às pressas. Eu o encarei. Ele caminhou para o meu lado e, como se tivesse visto um pânico revelador em meus olhos, me lançou um olhar obscuro. Senti meu rosto queimar, senti meu coração pulsar e tremer, enquanto me apressava a passar dele, tentando olhar com dureza para além dele. Mas, com pressa, e sem ousar olhar para ninguém, homem ou mulher, que passava por mim nas largas calçadas, eu sabia que o que o marinheiro tinha visto em meus olhos descuidados foi inveja e desejo. (BALDWIN, 2001, p. 89).⁹

⁹ There was a sailor, dressed all in white, coming across the boulevard, walking with that funny roll sailors have and with that aura, hopeful and hard, of having to make a great deal happen in a hurry. I was staring at him. We came abreast and, as though he had seen some all-revealing panic in my eyes, he gave me a look lewd and knowing. I felt my face flame, I felt my heart harden and shake as I hurried past him, trying to look stonily beyond him. But hurrying, and not daring now to look at anyone, male or female, who passed me on the wide sidewalks, I knew that what the sailor had seen in my unguarded eyes was envy and desire

O desejo em *Giovanni's Room* é o enfrentamento, a resistência, o erotismo sem adestramento. O casal de amantes, entregues ao seu amor marginal, vivem o desejo do nômade, do cambiante. Ele é nômade, porque está sempre em movimento, quer e deixa-se fluir, sentir, produzir e se abrir para novas sensações, prazeres e emoções:

Eu estava tremendo. Eu pensei, se eu não abrir essa porta de uma vez e sair daqui, estou perdido. Mas eu sabia que era muito tarde; logo era muito tarde para fazer algo além de gemer. Ele me puxou contra ele, colocando-se em meus braços como se estivesse se entregando a mim para que eu o carregasse, e me puxou com ele para a cama, bem devagar. Meus pedaços gritavam NÃO! Mas a soma de mim suspirava SIM! (BALDWIN, 2001, p. 64).¹⁰

Como não pensar, então, no desejo sob a visão de Deleuze e Guattari (2010), do fluxo e do corte, da ruptura, que se produz em si mesmo, porque é uma maquinaria, desorganizada, disruptora, fragmentada. É o desejo que, ainda que venha com sofrimento, vem também com prazer, energia, em seu deslize afetado, intenso, plural. O desejo, sob a visão deleuziana e guattariana, é devir criador, que desarranja e rearranja, que impulsiona novas formas de prazer, novos modos de vida.

Na concepção de Deleuze e Guattari, o desejo não é falta de um objeto, como se pensa na psicanálise. Ele não está limitado a determinadas expressões e vivências. O desejo, para Deleuze e Guattari não é habitado pela lógica ou pela razão, mas pela criação, visto que ele é produção, real, maquínica:

Se o desejo produz, ele produz real. Se o desejo é produtor, ele só pode sê-lo na realidade, e de realidade. O desejo é esse conjunto de sínteses passivas que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos, e que funcionam como unidade de produção. Nada falta ao desejo, não lhe falta o seu objeto”. (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 43).

Percebe-se, então, que para Deleuze e Guattari, o desejo é produtor de realidade, física, maquinária, que desloca o “sujeito”, descentralizando-o. Assim se manifesta o desejo que permeia a narrativa em *Giovanni's Room*, quanto ao amor marginal e amoral de David e Giovanni, com todo o seu conflito e transgressão de identidades, desviando-os do centro, tirando-os do eixo, da linha reta. É o amor dos encontros e desencontros, do libertário, do indefinido, que flerta com o caos, na transitoriedade, no estranhamento, no afrontamento, em seu desejo que é produção em si, que é corpo sem órgãos:

¹⁰ I was trembling. I thought, if I do not open the door at once and get out of here, I am lost. But I knew it was too late; soon it was too late to do anything but moan. He pulled me against him, putting himself into my arms as though he were giving me himself to carry, and slowly pulled me down with him to that bed. With everything in me screaming NO! yet the sum of me sighed YES!

O corpo sem órgãos é o improdutivo; no entanto é produzido em seu lugar próprio, a seu tempo, na sua síntese conectiva, como a identidade do produzir e do produto. O corpo sem órgãos não é o testemunho de um nada original, nem o resto de uma totalidade perdida. E, sobretudo, ele não é uma projeção: nada tem a ver com o corpo próprio ou com uma imagem do corpo. É o corpo sem imagem. Ele, o improdutivo, existe aí onde é produzido, no terceiro tempo da série binário-linear. (DELEUZE&GUATTARI, 2010, p. 20).

O quarto de Giovanni é o espaço da intimidade entre os iguais, permeado de signos desejantes, libertários em sua intensidade, ruptura, potencialidade e embaralhamento dos códigos e normas sexuais e sociais. Ele é o espaço do entre-lugar, da fronteira, da multiplicidade, do movimento, do novo, do desconhecido, da experimentação e da reinvenção. O desejo, no quarto de Giovanni, escorre pelas fendas, no êxtase do amor e do sexo entre errantes, os marginais. O desejo, em *Giovanni`s Room*, é, em referência à concepção de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010) vivenciado pelo esquizo:

Quanto ao esquizo, com seu passo vacilante, que não para de migrar, de errar, de escorregar, embrenha-se cada vez mais longe na desterritorialização sobre o seu próprio corpo sem órgãos, até o infinito da decomposição do socius, e talvez o passeio do esquizo seja o seu modo particular de reencontrar a terra. Ele mistura todos os códigos, é o portador dos fluxos decodificados do desejo. O real flui (DELEUZE&GUATTARI, 2010, p. 54).

Por fim, no romance de Baldwin, o desejo é desterritorializante, tanto em David quanto em Giovanni, porque não segue regras, não é fixo, e muito menos tem ordem pré-estabelecida. O desejo sexual em *Giovanni`s Room* está desvinculado da noção de identidade única, porque nele estas são destituídas de sua firmeza, segurança e certezas. Dessa forma, o desejo, no quarto de Giovanni, descentraliza e desestabiliza as identidades, porque vem para desconstruí-las e transgredi-las, em toda a sua potencialidade e indeterminação.

2-Justificativa

A presente pesquisa, em termos pessoais, justifica-se pelo profundo interesse e forte desejo de, através da literatura, arte pela qual nutro enorme prazer, investigar melhor a construção de minha própria identidade como homossexual. Essa identidade, cuja formação ainda está em processo, me faz enveredar por caminhos múltiplos de

questionamentos e introspecção, onde encontro-me sempre, interiormente, em movimento. Percebo que o interessante aqui não é chegar necessariamente a uma resposta, mas levantar perguntas, possibilidades e, sobretudo, alimentar minha inquietação. Investigar a temática homossexual faz vibrar em mim o desejo pela aventura, pelo proibido, pela transgressão, pela subversão.

Em termos sociais, minha pesquisa justifica-se pela relevância das questões relacionadas à homossexualidade na contemporaneidade, como a reivindicação dos direitos civis aos homossexuais, que têm gerado constantes discussões e tratamentos na mídia, ganhando notoriedade, inclusive, no campo da política. Tais direitos consistem no reconhecimento em termos legais da união matrimonial entre casais do mesmo sexo, no direito à adoção de crianças e no direito à pensão vitalícia, no caso de falecimento, ao conjugue. Além da questão dos direitos civis, a luta pela criminalização da homofobia também tem sido muito discutida e defendida por alguns parlamentares, que resolveram abraçar esta causa, visto que a violência relacionada à mesma cresce a cada ano.

À parte a questão social e falando-se em termos acadêmicos, esta pesquisa contribuirá para quebrar a resistência com relação ao desenvolvimento de estudos voltados à chamada “Literatura Queer”, que ainda representa um tabu na academia. Pesquisas relacionadas à temática homossexual são muitas vezes vistas sob a ótica do preconceito dentro do campo acadêmico, tanto por parte dos alunos, quanto por parte dos professores. A presente pesquisa, que terá como objeto de estudo um ator negro e homossexual, assim como um romance de temática também homossexual irá contribuir para dar mais visibilidade, voz e viabilidade a futuros trabalhos voltados à questão da homossexualidade na academia

3-Objetivos

3.1 Objetivo geral

- Cartografar o desejo e o processo de transgressão da identidade das personagens David e Giovanni, ao longo da narrativa do romance *Giovanni`s Room*;

3.2 Objetivos Específicos

- Desenvolver uma pesquisa sobre a literatura de James Baldwin, e em especial sobre seu romance *Giovanni's Room*.
 - Cartografar e discutir o processo de transgressão das identidades sexuais do casal David e Giovanni em *Giovanni's Room*;
 - Analisar sobre a crise de identidade sexual de David, personagem narrador de *Giovanni's Room*, como fator característico da sociedade pós-moderna, segundo a perspectiva de Stuart Hall.
 - Mapear e investigar a construção do desejo na narrativa, como expressão de liberdade, força, subjetivação e enfrentamentos, segundo a visão de Georges Bataille.
 - Discutir o romance *Giovanni's Room* como narrativa rizomática, segundo o conceito de rizoma, de Gilles Deleuze.
 - Explorar o quarto de Giovanni como espaço da intimidade e da transformação de sujeitos desejanter;
- 3.2.15-Problematizar o quarto de Giovanni como o espaço do entre lugar, da fronteira e do hibridismo cultural;

4-Metodologia

A abordagem metodológica que vou utilizar é a cartografia. Como a pesquisa não será desenvolvida em termos estruturalistas, não vou utilizar a metodologia da cartografia tradicional, que realiza um trabalho em níveis geográficos, com mapas, delimitando neste as regiões, os espaços e as fronteiras. A cartografia que vou adotar em é a cartografia filosófica e política de Gilles Deleuze e Félix Guattari, pois tentaremos estabelecer as possíveis aproximações entre Literatura, Filosofia e Performance. Tal cartografia faz uso de um mapa, com entradas múltiplas, mas sem delimitações e marcações de fronteiras e territórios fixos:

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. (DELEUZE&GUATTARI, 1995, p. 22).

_____. *Marcas da Vida*. Tradução de Clarita de Mello Motta. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BAUMAN, Zigmund. *Vida Líquida*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. 2ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vechhi*; tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BEAUVOIR, de Simone. *El Segundo Sexo*. México: Debolsillo, 2013.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima, Gláucia Renate Gonçalves. 2ª edição. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2013.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Batista-1ªed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. Tradução : Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001.

_____. *A parte do fogo*. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

_____. *O espaço literário*. Tradução Álvaro Cabral. RJ: Rocco, 2011.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 4ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

_____. *Sujetos del deseo. Reflexiones hegelianas en la Francia del siglo XX*.-1ª ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2102.

_____. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: o corpo educado: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu. BH: Autêntica, 2010.

CORREA, Romualdo. *Desejo , estilo de vida e transgressão da identidade em Dancer from the dance, de Andrew Holleran e Pela Noite, de Caio F*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de pós-graduação em estudos da linguagem-Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN.

CUNNINGHAM, Michael. *Ao anoitecer*. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DAWSEY, J.C; MÜLLER, Regina P; HIKIJI, R.S.G; MONTEIRO, Marianna F.M. *Antropologia e Performance: ensaios napedra*. Editora Terceiro Nome, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs-Capitalismo e Esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa-Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. *O Anti-Édipo- Capitalismo e Esquizofrenia 1*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi-São Paulo: Ed.34, 2010.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*. Tradução de Antônio Piquet e Roberto Machado-Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução José Gabriel Cunha. Relógio D'Água Editores, 2004. Lisboa, nº15.

DERRIDA, Jacques. *Margens da Filosofia*. Tradução Joaquim Torres Costa, António M. Magalhães. Campinas, SP: Papirus, 1991.

_____. *A escritura e a diferença*. Tradução Maria Beatriz Marques Nizza, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhan Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. -2ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FREUD, Sigmund. *Escritos sobre literatura*. Tradução de Saulo Krieger. São Paulo: Hedra, 2014.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. *Cartografias do Desejo*. Tradução de Suely Rolnik. Petrópolis, RJ: 4ªed. Vozes, 1996.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu e Guacira Lopes Louro. 11ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HARAWAY, Donna. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Tradução Tomaz Tadeu.-2ªed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. "Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. In; Cadernos Pagu. Universidade Estadual de Campinas. Nº22. Janeiro-Junho de 2004.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução de Marcia Sá Cavalcanti Schuback. 4ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2008.

LACOUÉ-LABARTHE, Philippe, 1940. *A imitação dos modernos: ensaios sobre arte e filosofia*. Tradução João Camillo Penna. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*.-RJ: Civilização Brasileira, 2011.

LOPES, Denílson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*- RJ: Aeroplano, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho-ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 1ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

MARINA, José Antonio. *Las arquitecturas del deseo; una investigacion sobre los placeres del espíritu*. Editorial Anagrama: Barcelona, 2007.

MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. Tradução Rosa Krauz. São Paulo: Perspectiva, 2011.

NIETZSCHE, Friederich. *O Nascimento da Tragédia, ou Helenismo e Pessimismo*. Tradução, notas e posfácio J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NÓBREGA, Elisa. *Histórias de confissões e leituras: a emergência histórica das Edições GLS*. Tese(Doutorado em História)-Programa de Pós-Graduação em História, UFPE,Pernambuco.Disponível em <http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7231>. Acesso em 11 set. 2014.

PHILLIPS, Caryl. (Introduction). In: BALDWIN, James. *Giovanni's Room*. London: Penguin Classics. 2001.

PETRONILIO, Paulo. *Poesia: a máquina de guerra do pensamento*. Texto Digital, Florianópolis. V.9, n.1, p.68-94, jan/jul.2013. Disponível em <http://periodicos.mfsc.br/index.php/textodigital/article/view/18079288.2013v9n1p68/25124>. Acesso em 10 set.2014.

_____. *Gilles Deleuze e a linguagem esquizo*. In: Nonada: letras em revista, ano 1, v.1. Porto Alegre: UniRitter, 1997.

_____. *Kalahari: Literatura e Performance do desastre*. In: v. 4, n. 1: Literatura Portuguesa Contemporânea - Dossiê Luis Serguilha, Revista Guará Linguagem e literatura, PUC, 2015

_____. *Gilles Deleuze e as dobras do sertão*. Goiânia: PUC, 2011.

_____. *O signo como performance e performatividade da linguagem*. In: Artefactum. Revistas de estudos em Linguagem e Tecnologia. Ano II-Nº2, 2015.

PLATÃO. *Fedro*. Tradução Carlos Alberto Nunes. Ed. Universidade Federal do Pará, 2011.

PLATÃO. *O banquete ou Do amor*. Tradução J. Cavalcante de Souza. 5ª edição. Rio de Janeiro: DIFEL, 2008.

PINTO, Joana Plaza. *O corpo de uma teoria: marcos contemporâneos sobre os atos de fala*. In: Cadernos Pagu(33). Julho-dezembro de 2009.

PINTO, Joana Plaza. *Conexões Teóricas entre Performatividade, Corpo e Identidades*. In: Estilizações de gênero em discurso sobre linguagem. Tese de doutorado da Unicamp. Orientação do Prof. Dr. Kanavilli Rajagopalan.

RATTS, Alex. *Negritude, masculinidade, homoerotismo e espacialidade em James Baldwin: uma leitura brasileira*. Artigo publicado em 2011.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

SCHÖPKE, Regina. *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade*. Rio de Janeiro: Contraponto. São Paulo: Edusp, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 11ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TAYLOR, Diana. *Traduzindo performance* (prefácio). In: DAWSEY, J.C; MÜLLER, Regina P; HIKIJI, R.S.G; MONTEIRO, Marianna F.M. *Antropologia e performance: ensaios napedra*. Editora Terceiro Nome, 2013. p. 9

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

VIDAL, Gore. *The City and the Pillar*. London: Time Warner Book Group UK, 2006.